As chaves do templo

Mirela Berger

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1915>

DOI: 10.4000/pontourbe.1915

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Mirela Berger, «As chaves do templo», *Ponto Urbe* [Online], 2 | 2008, posto online no dia 30 dezembro 2008, consultado o 28 julho 2022. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1915> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1915>

Este documento foi criado de forma automática no dia 28 julho 2022.

Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

As chaves do templo

Mirela Berger

NOTA DO AUTOR

Este artigo baseia-se em minha tese de doutorado *Corpo e identidade feminina*, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2006.

- 1 Estar bela, malhada, sentir-se bem consigo mesma. Não ter gordurinhas sobrando. Ter um corpo rígido, cabelos e pele impecáveis. Ser admirada por sua beleza ou por seu corpo em forma. Ter um corpo perfeito. Encaixar-se nos padrões de beleza massificados. Cultuar o corpo, desejá-lo belo, mas, ao mesmo tempo, malhá-lo. Submetê-lo a esforços para que ele desabroche em sua melhor forma.
- 2 Estas falas, todas nativas¹ (ver tese de doutorado “Corpo e Identidade Feminina”, disponível em <http://www.mirelaberger.com.br>), apontam para um processo central das últimas décadas (1980-2000), que é o de culto ao corpo. É possível afirmar que o corpo virou uma religião, um culto permanente e diário, que se desenrola nos templos de mármore, vidro e ferro das academias de ginástica, e cujos mentores são a mídia, os personaltrainers, os nutricionistas, os cirurgiões plásticos e inúmeros outros profissionais que alardeiam a beleza enquanto capital simbólico (Berger, 2006).
- 3 Embora seja quase impossível estabelecer com certeza quando as expressões “culto ao corpo” e “cultura do corpo” surgiram, sociólogos e historiadores vêm se utilizando destes termos para designar um comportamento em que o corpo figura como elemento central e definidor de identidades. Mais do que ser apenas um meio, o corpo transforma-se no próprio fim, ou, como diria Maffesoli: o que parece desconcertante, atualmente, é que o corpo é tomado em si mesmo; há uma espécie de culto ao corpo que ganha cada vez mais importância na vida social. Veste-se o corpo, cuida-se do corpo, constrói-se o corpo, e é neste sentido que se pode falar de um culto ao corpo como sendo (um pouco por todo lado do mundo) uma das marcas deste hedonismo (Maffesoli, 1998).

- 4 O fenômeno do culto ao corpo explode de maneira definitiva a partir da década de 80 nos Estados Unidos da América e chega ao Brasil nos anos 90, impulsionado, entre outros fatores, pela difusão da ginástica aeróbica feita pela atriz Ioná Magalhães, semelhantemente ao que aconteceu nos EUA com a atriz Jane Fonda. Surpreendentemente, constatei que a expressão “culto ao corpo” é corrente no universo da academia de ginástica pesquisada e todas as entrevistadas precisam seu surgimento no mesmo período apontado pelos pesquisadores. É significativo que entre as mulheres pesquisadas, 88% percebem nitidamente um processo de culto ao corpo, 9% o percebem mais ou menos e somente 3% desconhecem sua existência.
- 5 Não enveredaremos aqui pelas justificativas citadas pelas mulheres para o culto ao corpo, mas, podemos ao menos mencioná-las. São elas: importância do momento presente, da técnica e do esforço individual; importância do corpo na conquista de parceiros sexuais e no mercado de trabalho; exposição e desnudamento constante do corpo; existência de modelos de beleza rígidos que culminam no culto à perfeição física; excessiva cobrança social da beleza e influência da mídia e da moda.
- 6 Como em todo culto, temos, por um lado, os atores – no caso, os “Body-buildings” ou “Bodybuilders”² –, a ideologia que o alimenta, seus mecanismos de veiculação e sustentação e, em especial, uma série bastante codificada de ritos corporais.
- 7 Interessa-me, no curto espaço desta comunicação, investigar os mitos (também chamados aqui de “chaves simbólicas”), tais como: a mística da perfeição física, inspirada nos modelos dos deuses gregos, a idéia do corpo enquanto marcador totêmico, a ideologia de que o corpo é mutável, a importância atribuída ao presente, ao esforço do indivíduo e à técnica, o ethos ascético que norteia o comportamento do bodybuilder e que rituais (rotina de exercícios, alimentação, uso de suplementos alimentares e/ou remédios para emagrecer e cirurgias plásticas) permitem ao neófito ingressar no tão sonhado templo das pessoas “belas e malhadas”.
- 8 As mulheres urbanas contemporâneas (e, cada vez mais, os homens, também), quando alcançam o corpo desejado (para 63,75% da amostra³, isto quer dizer “corpo magro e malhado”), sentem-se próximas ao mundo das mulheres que elas admiram e pertencentes a um grupo seleta, que é caracterizado, entre outras coisas, pelo poder “cuidar de si”; pelo sinal de que “não se entregam às tentações alimentares de uma maneira desregrada” (Mulher 68, 34 anos, professora universitária). Enfim, correspondem aos padrões corporais da sociedade em que vivem. Nas academias, ao adquirir um corpo “malhado”, o (a) aspirante a bodybuilder vai sendo consagrado a um novo papel. Esses ritos vão demarcando as posições entre dominados e dominantes, entre aqueles que são – como dizem os informantes – “fortes, saudáveis e bonitos” e os que são “fracos, doentios e feios”. Neste sentido, é possível repetir, com Bourdieu, que as instituições são “atos de magia social”, pois “criam a diferença ex-nihilo” (Bourdieu, 1996:100).
- 9 No templo das academias de ginástica, podemos identificar os seguintes atores: a) os bodybuilders, que se dividem principalmente entre neófitos (aqueles que estão se iniciando na religião do culto ao corpo) e veteranos (aqueles que, em função do tempo de atividades físicas e do próprio sucesso corporal, auxiliam os neófitos e possuem forte ascendência sobre os mesmos); b) os personal trainers, professores de ginástica, nutricionistas, fisioterapeutas e esteticistas, que são os “sacerdotes”: aqueles que possuem os conhecimentos e segredos próprios do campo e que têm o poder de transformar o corpo e a identidade de seus neófitos, sendo glorificados pelos mesmos.

Fora do ambiente da academia de ginástica, temos, também, os cirurgiões plásticos, considerados, por muitos, os verdadeiros demiurgos da religião do corpo perfeito, pois têm o poder de, literalmente, construir novas corporalidades e, como veremos, novas identidades.

Ideários Místicos do culto ao corpo

Construir a si mesmo...

- 10 Para os bodybuilders a transformação do corpo é central no processo de construção ritual da pessoa.
- 11 Falar em “ritual” remete-nos à clássica obra de Turner (“O Processo Ritual”, 1974), na qual o autor nos mostra que uma das chaves centrais para o entendimento de qualquer cultura reside nos ritos, já que estes são indícios para a compreensão de pensamentos, sentimentos e relações entre os nativos e o seio de suas comunidades. Entre os vários ritos sociais, destacam-se os chamados “Ritos de Passagem”, ou seja, “ritos que acompanham toda mudança de lugar, estado, posição social, idade” (Arnold Van Gennep, 1960, apud Turner, 1974) e que se caracterizam por três fases: 1) separação, 2) margem ou limem e 3) agregação. A primeira fase marca o afastamento do indivíduo (aqui chamado de “neófito”) de um determinado grupo ou ponto fixo na estrutura social. A segunda, marca o processo de transição, quando o neófito inicia o lento aprendizado das regras, valores e linguagem do grupo ao qual quer ascender. A terceira fase consome a passagem e reintegra o indivíduo ao grupo, agora com os direitos e deveres de sua nova posição.
- 12 A academia de ginástica e seus frequentadores configuram-se como uma “tribo urbana”⁴, cuja adesão passa pela estética corporal e cuja tônica incide nos corpos esculpidos como uma marca de status e diferenciação social. 75% das entrevistadas assumem-se como pertencentes à uma “tribo urbana”, como atesta o seguinte depoimento:

O culto ao corpo vira até uma tribo. Eu acredito. Porque, se você não estiver dentro (pra algumas pessoas, tá?), se você não estiver dentro, você é excluída. É exclusão social. Então, tem muita gente que está dentro desta tribo para não ser excluída. (Mulher 48, 40 anos, comerciária)
- 13 Podemos entender esta visão que as entrevistadas têm de si mesmas evocando, novamente, Victor Turner: as mulheres, ao ingressarem em uma academia, desejam, em sua maioria, construir um corpo magro e levemente musculoso, para se separarem e se contraporem ao grupo das “não-malhadas”, “gordas”, “desleixadas”. Elas querem sentir-se integradas e aceitas em uma sociedade que valoriza a forma física como referencial de status e sucesso e tentarão adequar seu corpo à forma correspondente dos novos papéis que desejam assumir. Assim, elas se afastam do grupo das sedentárias, o que corresponde à primeira fase do processo ritual, qual seja, a “separação”. Durante a segunda fase, encontram-se num processo de “liminaridade”. São ainda neófitas e precisam aprender as regras do grupo que, no caso, envolvem praticar exercícios com regularidade, consumir produtos específicos, manter uma dieta alimentar, conhecer o nome das aulas, socializar-se no campo da musculação e dos outros setores das academias. O processo é permeado de rituais, envolvendo vestimentas, condutas, dialeto próprio e a manipulação de um universo instrumental e simbólico que não está

livre nem mesmo da já consagrada “eficácia simbólica” (Lévi-Strauss, 1991), ou seja: do poder, próprio do rito, de atuar sobre a realidade agindo sobre a representação que estes indivíduos fazem da mesma. Quem é adepto de exercícios físicos sabe que a simples realização do treino previsto já dá ao praticante a sensação de ter melhorado seu corpo, ainda que ele saiba que os resultados não são tão rápidos e exigem regularidade. Mas, ao menos, ele sente que fez a sua parte quanto ao corpo. Como dizem as entrevistadas, é “uma missão cumprida”. Pelo menos, ele não poderá ser rotulado de “fraco”, “desleixado”: ele “luta” (já que há uma verdadeira cruzada contra as adiposidades⁵) para mudar o seu corpo e empenha-se para isso, o que, no limite, lhe confere até fibra moral, segundo os valores postulados pela ideologia do corpo perfeito. Na terceira fase, a de “agregação”, são consagradas ao papel de “malhadoras”: suas atitudes e, principalmente, seus próprios corpos, atestam que cada uma delas é, agora, uma “nova mulher, que não se conformou com o que Deus lhe deu, correu atrás, batalhou, ficou mais bonita e mais segura” (Mulher 70, 30 anos, artista plástica). O corpo, enfim “malhado”, lhes conferirá uma nova identidade, um novo lugar no seio da comunidade a que pertencem.

- 14 Uma vez em consonância com os padrões estéticos difundidos pela sociedade, que no caso das mulheres, envolvem magreza, tônus muscular e seios avantajados, o corpo será cultuado e glorificado.

Ser uma Deusa grega...

- 15 Um dos referenciais simbólicos e míticos que orientam a religião do corpo é o da imagem apolínea, ou seja, é o corpo dos deuses da Antigüidade clássica que serve de modelo para os bodybuilders. Várias das mulheres entrevistadas disseram querer “se parecer com uma deusa grega” (Mulher 68, 34 anos, professora universitária), “A Gisele Bündchen é uma grega” (Mulher 2, 31 anos, professora de educação física). É comum também que as mulheres se refiram aos homens “sarados” e, portanto, considerados bonitos, como “deuses gregos”. Em ambos os casos, elas indicam imagens em revistas que ilustrem essa associação. Trata-se de imagens de mulheres em geral bem magras, com seios firmes, nádegas bem desenhadas, pele sem manchas, com aparência firme e proporcionalidade de traços. Já os homens são musculosos, com aspecto viril e sedutor. Vernant (1986) afirma que a expressão “corpo dos deuses” remonta ao período arcaico grego, quando não eram conhecidas as distinções corpo/alma e natural/sobrenatural. O corpo humano era visto como tendo a necessidade de reproduzir o corpo dos deuses. Deuses e homens faziam parte de um mesmo universo de sentido, embora exibissem diferenças. O corpo humano era percebido em sua efemeridade, enquanto o corpo dos deuses não perecia. Mas havia sempre a tentativa de se chegar ao esplendor de Deus, esplendor este que seria manifesto quando o corpo fosse como deveria ser, ou seja, “radiating, youth, vigor and beauty, similar to a god, like unto the Immortals” (Vernant, 1986: 28). Para que o corpo atingisse estas qualidades e se aproximasse do corpo dos deuses, artefatos como maquiagem, jóias, roupas e outros adornos sobre o corpo, além de uma pele que parecesse lisa, polida, firme e jovem, eram fundamentais. Havia um “supercorpo”, que envolvia perfeição e beleza, e que se afirmava como um testemunho da imortalidade:

If the gods are immortal and imperishable, it is because, unlike men, their corporality possesses, by nature and even in the very heart of nature, that constant beauty and glory with the social imagination shiver to invent for mortals when they

no longer have a body to display their beauty or an existence that can win them glory. Living always in strenght and beauty, the gods have a superboddy: a body made entirely and forever of beauty and glory (Vernant, 1986: 34).

- 16 O corpo divino deveria ser, ao mesmo tempo, pesado e leve, etéreo, impalpável, devendo se parecer com uma estátua de materiais nobres. A identidade individual passava pela aquisição de um nome e pelo próprio corpo. O corpo era visto como substrato da identidade e marca de pertencimento e de distinção.
- 17 No nosso caso, as mulheres urbanas também acreditam que este corpo “malhado” seja indício da perfeição e fundamental para a construção de uma identidade altamente valorizada neste período histórico e na nossa cultura, que é a identidade de “malhadora”. Mas elas não estão interessadas na imortalidade diante dos deuses e nem no ingresso ao paraíso celestial: estão preocupadas com uma outra forma de imortalidade, a alcançada pelo sucesso atestado no corpo e pelo corpo, não para a aprovação divina, mas para a aprovação de seus pares, que podem ser tanto os parceiros afetivos, quanto a família, os amigos, o restante da sociedade e em especial, as outras mulheres. Sucesso este que também conduz à imortalidade, pois se cristaliza nos olhares e nas formas midiáticas como fotografias e vídeos. Se a mulher em questão for “VIP” (very important people) e/ou famosa, o sucesso de seu corpo e de si mesma pode se eternizar em revistas, comerciais de televisão e até mesmo no cinema.
- 18 O Corpo e a Publicidade enquanto marcadores totêmicos
- 19 É impossível dissociar, na contemporaneidade, os fenômenos do culto ao corpo e a importância da mídia. A importância dada ao corpo é tão grande que Lucien Sfez (1996) chegou a proclamar a substituição do culto à informação por uma “religião” biogenética, calcada na “utopia do corpo”. No entanto, ao contrário de Sfez, acredito, que a comunicação está vivíssima e é a grande aliada e ao mesmo tempo veiculadora desta utopia do “corpo perfeito”. O desafio, para mim, está em mostrar como estes dois pilares muitas vezes se entremeiam, como precisam disto para sobreviver e como dizem muito a respeito da concepção de pessoa e de valores centrais à nossa sociedade.

Figura 1 - Feiticeira

- 20 Quando questionadas sobre a relação entre mídia e culto ao corpo, a esmagadora maioria, 96%, afirmou que sim, a mídia influi no processo de culto ao corpo. Absolutamente nenhuma mulher respondeu que não, e apenas 4% da amostra responderam “mais ou menos”. As mulheres por mim entrevistadas sempre mencionam a leitura de revistas ligadas à aparência física, como “Boa Forma”, “Dieta Já”, entre outras, que são consideradas “verdadeiras bíblias da beleza. O que você precisa saber para ter um corpo legal tá nestas revistas” (Mulher 31, 54 anos, designer). Dois depoimentos ilustram o papel da mídia na propagação do culto ao corpo:

“Eu acho que a mídia influencia em tudo: nas revistas, na televisão, em tudo quanto é lugar. Muito. Você só vê aquela perfeição. Eu acho, também, que não se pode chegar ao exagero, mas na televisão você vê aquele corpo, aquele cabelo. A mídia bombardeia a gente com imagens, então você tem que trabalhar a cabeça pra você não chegar a se sentir feia, se sentir mal” (Mulher 43, 39 anos, arquivista).

“Mais uma vez a mulher, coitada, se vê escrava do culto ao corpo. O que é uma pena; a gente luta, luta, luta e mais uma vez a mídia... Eu não vou fazer cirurgia de peito por causa da estética, mas muitas estão fazendo; nós estamos sendo massacradas pela mídia.” (Mulher 69, 45 anos, fonodíloga).

- 21 Um dado interessante sobre a influência da mídia, e que foi comentado de maneira espontânea por três entrevistadas, é que o culto ao corpo veio na esteira da popularidade dos grupos de pagode e axé como o grupo “É o Tchan” e com a valorização do corpo semi-desnudo e malhado das personagens televisivas “Tiazinha” e “Feiticeira” – de forte apelo erótico, criados em 1999 pela mídia. O corpo “perfeito” destas personagens era claramente um fetiche e alvo dos desejos masculinos⁶. Criou-se um clima de erotização que passava pela exposição dos corpos “malhados” e que contribuiu para a divulgação de um padrão de corpo que, por sua vez, invadiu as casas via televisão ou por meio de revistas como “Playboy”, “Sexy” e “Boa Forma”. Aliás,

justamente na época de explosão destes grupos e das personagens citadas, Joana Prado saiu na capa da Revista Boa Forma, cuja chamada era “O feitiço do corpo perfeito”.

Figura 2 - Mídia e modelos de beleza

- 22 Em outra capa, Figura 2, desta vez da revista "Corpo", temos a chamada “Fique gostosa como elas”, com a exibição da modelo Luma de Oliveira, também muito citada como referencial de beleza. Se associarmos a capa com a fala da própria modelo, enfatizando que considera a plástica uma aliada, temos a clara associação entre modelos/plásticas/mídia exercendo forte impacto sobre o imaginário de mulheres comuns. Até mulheres que não faziam ginástica sentiram-se ameaçadas por estas imagens de mulheres sedutoras, que poderiam enfeitiçar seus companheiros e roubar-lhes a atenção. Adirir à malhação, para algumas destas mulheres, foi uma tentativa de diminuir a distância entre elas, simples mortais, e as “gostasas” da televisão:

“Eu acredito. Eu acho que muita gente nega. Mas eu acho que tem isso, tem nas novelas, em todo lugar. Não é só o sexo, é mostrar o corpo, aí eu acho que acaba sim, virando um culto. Eu acho que começou na época daquele grupo ‘É o Tchan’, que começou a dar ênfase na mulher mostrar o bumbum, ficar dançando daquele jeito, depois veio a Tiazinha, a Feiticeira, tudo isso contribuiu para que todo mundo se ligasse mais no corpo, no visual, na gostosona, malhar pra ficar durinha.” (Mulher 22, 32 anos)

- 23 Featherstone afirma que a centralidade da manipulação comercial das imagens, mediante publicidade, mídia, exposições, performances e espetáculos da trama urbanizada da vida diária, determina uma “constante reativação de desejos por meio das imagens” (Featherstone, 1995: 100). De tanto ver o corpo malhado exposto, seja no dia a dia, seja na mídia, acostumamo-nos a desejá-lo, e de tanto desejá-lo, ele se tornou vital para nós.
- 24 As imagens têm um papel novo e central na cultura de consumo. Para Baudrillard (s/d), a concentração, a densidade, a abrangência da produção de imagens na sociedade

contemporânea nos empurra para uma sociedade qualitativamente nova, o mundo simulacional, no qual se aboliu a distinção entre realidade e imagem, estetizando-se a vida cotidiana. Tudo se transforma em espetáculo, como já diria Debord: “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação” (Debord, 1992: 13). No que se refere à religião do corpo na contemporaneidade, a imagem é central, primeiro porque toda cultura do corpo passa por imagens reais do corpo, projetadas como espetáculos e, segundo, porque as imagens veiculadas pelos meios de comunicação são indissociáveis deste processo de desejar e construir um corpo ideal.

- 25 Sabemos que as imagens são formas privilegiadas de recorte, apreensão e organização do real e do imaginário. Através dos múltiplos elementos que põem em cena, as imagens constroem idéias, contam histórias, enfim, registram tempos, lugares, sentimentos. Assim como um “fato social total” (Mauss, 1974), condensam uma série de eventos e representações (ver GEISA, disponível em <http://www.geisa.mirelaberger.com.br>). No universo dos bodybuilders, proliferam revistas específicas destinadas aos cuidados com o corpo. Revistas como “Boa forma”, “Dieta-Já”, “Corpo”, são alguns dos exemplos. Além destas, é evidente o quanto a preocupação com o corpo tomou conta de várias outras revistas como “Veja”, “Época” e de jornais como “Folha de S. Paulo”, “Estado de São Paulo” etc.
- 26 As revistas citadas são prenhes de imagens que priorizam corpos considerados bonitos. Além disto, é comum fotos que contrastam situações chamadas de “antes” e “depois”. As fotos do “antes” são imagens corporais de mulheres que eram “gordas e infelizes”; já as do “depois” mostram imagens destas mesmas, agora “magras e bonitas, através do produto ‘X’ ou da clínica tal”. Vincula-se felicidade à beleza e, por sua vez, beleza à magreza. É uma espécie de mantra, não só sonoro, mas também visual, que constrói e reafirma modelos corporais, bem como representações de gênero a eles associados. Os termos para uma construção de gênero ocorrem por meio de tecnologias (como o cinema, a televisão, as revistas) e discursos institucionalizados com o poder de “controlar o campo do significado social e assim, promover e implantar representações de gênero” (Lauretis, 1994: 228). Constroem, por meio das formas midiáticas, a representação da mulher bonita como preocupada com a aparência, que “se cuida”, que é admirada por homens e mulheres graças a seus atributos físicos.
- 27 Tais imagens induzem à correlação entre obter o corpo perfeito e alcançar a felicidade. A publicidade surge neste processo como uma espécie de operador totêmico (Rocha, 1995), e as formas perfeitas como totens midiáticos. Sabino concorda com Rocha e diz que: “tal como um ‘selvagem’ saberá identificar o comportamento e a aparência de uma pessoa do clã do urso ou da Águia, podemos identificar, pela aparência ou conduta, alguém que é marombeiro ou se dedica regularmente ao mundo da musculação e das academias” (2002: 145).
- 28 Os corpos dos bodybuilders estão permanentemente em construção, mas também em exibição: são corpos-mensagens, verdadeiros totens que falam pelos sujeitos. São, ao mesmo tempo, produtos, e veiculadores da religião do corpo.
- 29 Presenteísmo, técnica e esforço individual
- 30 Uma, entre várias entrevistadas, afirma:
Você vê pessoas que se drogam, tomam anabolizantes, esteróides, pelo corpo e esquecem da saúde. Isto também é um culto ao corpo, porque esquecem que

amanhã isto pode prejudicar muito, é um culto ao corpo, porque não pensam no que vai fazer mal, só pensam no agora, ficar bem bonita agora, mas depois eles vão ver as conseqüências, porque só pensam no agora, no que estão fazendo agora (Mulher 24, 18 anos, instrutora de ginástica, ênfase dela).

- 31 Esta fala aponta para dois pontos importantes: primeiro, que o culto ao corpo está ligado ao que Maffesoli chamou de presenteísmo (Maffesoli, 1998), ou seja, a demasiada primazia do presente na contemporaneidade: vive-se para o agora, para o instante imediato; a tradição, tão rica no período anterior à contemporaneidade, é descartada e o futuro está demasiado longe para se pensar nele. Cultua-se o momento presente e o triunfo do corpo: quando questionadas sobre as conseqüências de atitudes como regimes extremos, bronzamento artificial, uso de drogas para emagrecer ou mesmo de anabolizantes, as mulheres afirmaram que não vale a pena se preocupar demais com os seus efeitos nocivos em longo prazo, que o importante é estar bonita agora. O outro ponto que merece destaque é que a entrevistada aponta para um dado que se repetirá e é fundamental para se entender a modernidade e o processo de culto ao corpo: a questão da técnica. Vejamos um depoimento:

As salas de musculação, se você for ver, o que tinha antigamente e o que tem hoje, hoje você tem aparelhos que você põe a chave e ele te diz o que você tem que fazer, a tecnologia auxilia, dos aparelhos de musculação, e mesmo de som. Hoje a coisa é muito mais rica do que quando eu dava aula (Mulher 14, 34 anos, professora de educação física).

Figura 3 – Influência da técnica

- 32 Courtine (1995) reforça a importância da técnica e do comportamento regrado na construção corporal do bodybuilder após os anos de 1980. Segundo ele, o desenvolvimento do mercado do músculo e do consumo de bens e serviços destinados à manutenção do corpo, além de toda uma tecnologia do suor ("hight-tech sweat"), são alguns dos itens que diferenciam as atuais das antigas práticas de musculação e que

neste sentido, marcam um processo de culto ao corpo diferente de outros processos ligados ao corpo no passado. Segundo ele, a tônica da atualidade é que é preciso “sofrer se distraindo: a sofisticação eletrônica do material quer fornecer novos meios para favorecer a constância exigida pela disciplina e combater a dor do esforço e também o tédio da rotina” (p. 84).

Sylvie Malisse (apud Del Priori, 2000:91), afirma que, a partir de 1970, junto com as bonecas Barbie chegaria ao Brasil o body bussiness, ou seja, máquinas e técnicas do corpo que promoveriam um marketing de vivências corporais e passaríamos de uma estética feminina à uma ética feminina, ética que obrigaria a mulher a responsabilizar-se por seu próprio envelhecimento e a consumir produtos e técnicas para evitá-lo. A mulher passa a ser responsabilizada por sua imagem e cobrada por ela, reforçando assim estereótipos e construções de gênero. Ela incorpora que uma das suas responsabilidades, enquanto mulher, é ser/estar bonita⁷.

- 33 Esta associação entre técnica e marketing corporal é claramente visível na academia de ginástica Cia Athlética. Há um grande investimento no aparato técnico, seja dos equipamentos de ginástica em si (esteiras, transport, bicicletas, aparelhos de musculação), seja de televisores e circuitos integrados de televisão que permitem monitorar todo o ambiente da academia. Há também painéis onde se afixam fotos de freqüentadores que se destacam, dos professores e personal trainers, além de uma revista interna cuja foto e manchete sobre algum aluno convertem-se em troféus a serem exibidos e guardados. A academia adquiriu recentemente esteiras com monitor de televisão de tela plana acoplado, ou seja, é possível caminhar na esteira assistindo à televisão fixada na altura certa dos olhos e individual, pois cada esteira possui uma. É possível sintonizar o canal preferido e se exercitar/distrair ao mesmo tempo. Nas academias mais sofisticadas, as máquinas de exercício (techno gym) têm entrada para uma chave própria de cada aluno, que registra todas as informações sobre o que ele deve fazer e do que efetivamente foi feito (desde o número de séries e de repetições, até potência do exercício, batimentos cardíacos, enfim, não só o treino em si, mas o “desempenho” do aluno no treino). Ao final de alguns meses, o personal trainer acessa a chave do aluno e supervisiona o treino, controlando de perto os passos de seu neófito e decidindo se este pode ascender algumas fases no lento processo de construção ritual do corpo. Tudo isto parece nos dizer: “A tecnologia para obtenção de um corpo perfeito está disponível e você só não a utiliza se não quiser.” (vide figura 3). E pior : também só não conquista um corpo perfeito se não quiser. Desta forma, atribui-se à conduta do aspirante a portador do corpo perfeito consegui-lo ou não. A estética se vale do discurso da ciência, se legitima por ele e culpabiliza aqueles que, por algum motivo, não aderem à esta lógica.
- 34 Outro pilar que sustenta a religião do corpo perfeito é que o mesmo passa pelo esforço do “indivíduo”, ou seja, a ênfase em que o indivíduo sozinho, utilizando-se de aparelhos, pesos, muita ginástica, alimentação e produtos químicos, pode construir seu corpo ideal, tão veiculado e reforçado pela mídia. Ou seja, ele não precisa e nem deve “se conformar com o que Deus lhe deu”, já que, com seu esforço, ele pode corrigir o que não corresponde ao padrão cultural de sua época e lugar. Estamos na era da “tecnologia do suor” (high-tech sweat) e, através dela, acredita-se, podemos escolher o corpo desejado: “Você pode se tornar a pessoa que sonha ser”, dizem os body-builders. “Você pode desafiar, ao mesmo tempo, o inato e o adquirido e fazer de você um outro” (S. Fussel, 1991: 73). O mito de que “é possível construir a si mesmo” é central no processo

de culto ao corpo (embora, na prática, não existam tantas escolhas, já que temos que seguir os padrões de corpo estabelecidos pela sociedade). Mas, de todo modo, a ideologia que se vende aos adeptos do culto ao corpo é a de que o indivíduo - e somente ele - prestará contas ao olhar “crítico” e hierarquizante de seus pares (e não mais de um Deus transcendente), além de se submeter ao escrutínio da fita métrica, da balança e do espelho, em um processo que exige dele uma conduta ascética, racional e individualista. E mais: além de ser produto do esforço individual, passa pela conquista de um corpo que só ele vai ter e, posteriormente, da forma física como veículo de afirmação de status, conquista de parceiros sexuais em mesmo nível estético e inserção social, além de oportunidades no mercado de trabalho. Goldenberg e Ramos (2002) também apontam que, para se atingir a forma ideal e expor o corpo sem constrangimentos, é preciso investir na força de vontade e na autodisciplina, como reforçam, inclusive, as revistas de estética.

- 35 É como se a possibilidade de construir um corpo ideal, com o auxílio desta tecnologia do suor se confundisse com a construção de um destino, de uma obra: o homem moderno procura inventar a si próprio, construir-se através de seu próprio corpo, o que reforça a idéia de que no culto ao corpo atual, este é, ao mesmo tempo, o ponto de partida e o ponto de chegada. O corpo não está a serviço de uma missão religiosa: ele é a própria missão. Está a serviço de uma ideologia - o culto à perfeição -, mas é também a própria ideologia.

Ethos ascético

- 36 Sabino percebe que após 1980 surge um novo ethos, que ele chama de ascético, e que se caracteriza pela profunda preocupação de integração aos valores constitutivos da cultura dominante, combatidos anteriormente pelos grupos da contracultura. Isto ocorreria tanto no plano simbólico (portanto, no plano da mitologia) quanto no das práticas, caminhando no sentido de uma estética corporal que valoriza o cultivo muscular e hierarquiza a realidade a partir de valores relacionados a este cultivo. Ou seja, estaríamos vivendo “um processo de construção do corpo onde a forma física apresenta-se como atitude não desviante” (Sabino, s/d: 5).
- 37 Turner (1974) mostra que a recompensa pelo corpo ascético não é a salvação espiritual, mas a aparência embelezada, um eu mais disputado. Na mesma linha de raciocínio, Baudrillard destaca que o culto higiênico e dietético, bem como a obsessão pela juventude, elegância e feminilidade, associados ainda com práticas sacrificiais, suplantam a importância da alma: “O Mito do prazer [...] o circunda - tudo hoje testemunha que o corpo se tornou objeto de salvação. Substitui literalmente a alma, nesta função moral e ideológica” (Baudrillard, s/d: 136).
- 38 Se, no ideário místico e religioso, as concepções sobre a vida sóbria e temperada tinham como referência uma defesa contra as tentações da carne, a subjugação do corpo - por meio das “rotinas de manutenção corporal” - é a precondição para a conquista de uma aparência mais aceitável, para a liberação da capacidade expressiva do corpo. Neste sentido, Del Priore (2000) afirma que diferentemente de nossas avós, não nos preocupamos mais em salvar nossas almas, mas em salvar nossos corpos da desgraça da rejeição. Nosso tormento não é o fogo do inferno, mas a balança e o espelho (p. 52).
- 39 Já que o corpo perfeito é colocado, estrategicamente, como estando ao alcance de todos, ele traz em si a culpa caso não seja conquistado. Estamos longe dos preceitos religiosos

dos anos 20 que condenavam as mulheres que se preocupavam demasiadamente com a aparência. Neste caso, a própria aparência torna-se objeto de culto e a culpa vem da impossibilidade de ascender ao reino mítico da beleza. É preciso assim exercitar o corpo até o limite para expiar a própria culpa da não-perfeição, ou de uma refeição mais calórica, vista como um desvio de conduta. E o algoz do corpo em pecado por não ser perfeito é o espelho, tanto o de vidro quanto o de carne e osso das pessoas nas quais nos miramos em busca da perfeição. Hoje, ser belo é ser aceito e valorizado e isso passa pelo trabalho árduo e pelo comportamento ascético frente ao corpo.

- 40 Wacquant afirma a respeito do boxe: “O que de imediato choca é seu caráter repetitivo, árido, ascético: suas diferentes fases repetem-se ao infinito, dia após dia, semana após semana, com ínfimas variações” (Wacquant, 2002: 78).
- 41 Quando falamos de comportamento ascético, obviamente estamos retomando os trabalhos de Max Weber, em especial *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (1904), em que ele mostra que as sociedades modernas e ocidentais se distinguem das demais sociedades do passado tanto como *locus* do saber quanto do capitalismo. Segundo ele, a racionalidade, a técnica e um *ethos* específico, que ele chamou de “ascético”, seriam fundamentais seja para o triunfo do capitalismo, seja para o progresso da ciência e caracterizariam o mundo moderno. Não será possível aqui detalhar o pensamento de Weber, mas é importante frisar que a ideia de auto-controle, bem como o sentimento da obrigação de realizar tarefas e munir-se da técnica e da ciência como aliadas, vão aparecer fortemente no universo dos *bodybuilders*.
- 42 Na maioria das vezes, este processo de construção ritual da pessoa é dolorido, tanto do ponto de vista dos exercícios quanto dos tratamentos estéticos: injeções de botox nos músculos faciais, choques elétricos na estimulação russa, injeções de colágeno para preenchimento dos sulcos, mesoterapia, entre outros, produzem sofrimento físico em prol do próprio físico que, depois dos tratamentos, ascenderia a uma nova e melhor forma. Isto sem mencionar a cirurgia plástica que, devido à manipulação dos tecidos, cortes e pontos, produz dores por semanas e, às vezes, por meses. Estamos aqui muito distantes dos tratamentos de beleza da década de 20 que - perto dos atuais - podem ser considerados paliativos e leves, já que envolviam, em sua maioria, exercícios moderados e, principalmente, cremes e poções que disfarçavam a “feiúra”. Estão distantes, também, da ideia veiculada nos anos de 1960 de que era possível e desejável embelezar-se sem dor e com prazer. Aqui, ainda que o prazer exista, ele advém da dor, ou melhor, da eficácia simbólica - e real - de observar, por meio do empenho, uma nova identidade aflorar por conta do esforço, pois entre os informantes é corrente a expressão “se o músculo está doendo, está crescendo” e, além disto, é o sofrimento infligido ao corpo que faz com que os rituais sejam o que são, já que os indivíduos aderem de maneira tanto mais decidida a uma instituição quanto mais severos e dolorosos tiverem sido os rituais iniciáticos a que se submeteram (cf. Clastres apud Turner, 1974).
- 43 Segundo Travaillot (1998) o exercício, além de conferir essa imagem de um corpo empreendedor, conquistador, ativo, também aproxima as noções de beleza, forma e saúde. Nada de beleza sem saúde. Nada de saúde sem exercício. É a religião do esforço, adotando um modelo de escola, mas sob um regime não escolar, alegre e erotizado (Travaillot, 1998: 154).
- 44 A beleza passa a ser responsabilidade feminina: a construção do corpo perfeito advém do esforço do indivíduo e é preciso fazer o que for para que o corpo perfeito seja

alcançado. É muito comum nas aulas de ginástica que se faça referência à necessidade de fazer o corpo sofrer, para o seu próprio bem:

Força, ânimo, vai estar todo mundo pronto para o verão, interno de coxa e bumbum durinho" (balé clássico, 23/05/2005); "judia do abdômen, vamos deixar ele trincado" (aula de abdômen, 7/06/2005); "Dói, mas é bom! Tudo duro agora, bumbum e perna, sem moleza" (aula de body pump, 08/08/2005).

- 45 A etnografia revelou também que, para as entrevistadas, realizar um "treino puxado" é também purificador, na medida em que expia culpas (ligadas ao consumo de alimentos considerados calóricos), raiva, mágoas e outros sentimentos. De todo modo, o que mais desponta na etnografia é a idéia de disciplina: Malhar exige disciplina, fazer ginástica exige disciplina, porque malhar...você tem que ter uma continuação, então você tem que ter uma disciplina para você saber coordenar as atividades com o seu ritmo de vida, com seu ritmo de trabalho, de sono, de alimentação; tudo exige uma disciplina (Mulher 54, 26 anos, professora de educação física).

Figura 4 – Importância da Disciplina

- 46 Quando analisamos o universo das academias de ginástica, fica evidente a um olhar atento que o processo de culto ao corpo está permeado de rituais onde o autocontrole é fundamental - há uma rotina a ser seguida desde que o bodybuilder acorda: o que comer antes, durante e depois do treino, que exercícios fazer, com que potência e quantas séries de repetições, enfim, um comportamento ascético em que tudo é racionalmente calculado para atingir um fim específico: a construção do corpo perfeito. "Ter disciplina" (vide figura 4) passa a ser uma mensagem constante nos meios publicitários e encontra eco nos discursos de pessoas anônimas, como nossas entrevistadas. Neste processo, é fundamental que o indivíduo observe, julgue a si mesmo e estabeleça os canais para melhorar o que for preciso, seja na intensidade do treino, seja na alimentação⁸. Entre as mulheres pesquisadas, a disciplina é uma espécie de código de honra, de preceito, sem o qual a mulher não pode ser considerada de fato

uma iniciada no templo da malhação; ela é só uma “turista”, alguém “não compromissada de verdade” com os ideais da ética/estética professados pelos bodybuilders.

Rituais Corporais contemporâneos

Rotina de exercícios físicos

- 47 Para que qualquer religião possa sobreviver, ela necessita de ritos, ou seja, de comportamentos codificados e estáveis e isto não é diferente na religião do corpo perfeito: para o bodybuilder é muito importante ter uma rotina bem estabelecida na academia, que inclui diferenciar os membros superiores dos inferiores para maximizar o treino, comparecer toda a semana e sempre se exercitar por, no mínimo, duas horas.
- 48 Há um rigor com relação às atividades que devem ser desenvolvidas e cumpri-las corretamente é um dos modos de garantir o acesso ao templo. Também faz parte do ingresso aprender o dialeto próprio do grupo dos malhadores, dificilmente compreendido por leigos, ainda mais porque a maioria dos termos provém do inglês: transport, bodypump, bodybalance, bodyjump, crossramp, fitness, bodysistem.
- 49 As entrevistadas afirmam que não vivem mais sem fazer algum tipo de atividade física; ela é quase uma droga, vicia. Se nos anos de 1960 os hippies utilizavam drogas como uma forma de romper com a sociedade mais ampla, agora as mulheres utilizam a ginástica (e também produtos para emagrecer, anabolizantes, hormônio do crescimento) para se integrarem ao sistema. Várias mulheres enfatizaram que mesmo nas férias procuram compensar a ausência da academia, como ilustra o seguinte relato:
- Eu já me peguei fazendo bíceps com garrafa de coca-cola e insistindo em tomar o controle do pedalinho no parque para exercitar as pernas. Se tivesse que sair da academia, faria ginástica em casa, na rua, em qualquer lugar. Quando viajo, a regra é sempre caminhar muito e subir e descer encostas de morros! Eu sou viciada em ginástica, ela faz parte do meu estilo de vida (Mulher 68, 34 anos, professora universitária).
- 50 Isto se dá pela necessidade de construir um corpo ideal e mantê-lo, pelo fato da ginástica estar tão incorporada à vida das mulheres que se equipara a escovar os dentes ou tomar banho todos os dias, pelos mecanismos de compensação entre comer, se distrair e manter as formas corporais... Comenta-se, mesmo, que a ginástica e o controle alimentar estão de tal forma incutidos no ethos feminino que não ir à academia ou comer em excesso dá culpa:
- Se eu tiver um compromisso à tarde, eu não venho, eu troco, eu venho de manhã, agora se eu não venho mesmo, no outro dia eu procuro compensar. Mas eu não gosto de faltar. Parece que você fica se autopunindo, ‘ai Meu Deus do céu, porque que eu não fui’. A mesma coisa a alimentação: eu saio fora durante o final de semana, então de segunda à sexta eu fico no grelhado, na salada, e se eu tenho um compromisso que me tire da dieta, no outro dia eu tenho que compensar (Mulher 69, 45 anos, administradora de empresas).
- 51 Wacquant também fala do comportamento ascético entre os lutadores de boxe:
- A ascese coletiva, cujo mestre-de-obras no ginásio é Deedee, é construída à imagem de sua vida pessoal espartana: levantar cedíssimo, dormir cedo, alimentar-se à base de legumes cozidos, peixe fresco e carne magra (frango e peru), jamais tomar ‘pop’ nem comer doces, raramente tomar um copo de bebida alcoólica e fazer uma visita ao médico a cada seis meses (Wacquant, 2002: 128).

- 52 A conquista de um corpo perfeito supõe uma gestão rigorosa do corpo, uma conservação meticulosa de cada uma de suas partes, enfim, um gerenciamento racional do capital específico que os recursos físicos representam. No universo das mulheres pesquisadas, também é perceptível que a academia de ginástica parece fechar-se sobre si mesma, como diria Wacquant, numa espécie de “ilha de ordem e virtude”, onde não se discute política, religião ou qualquer outro assunto que não diga respeito à academia. Fala-se do corpo, da vida pessoal, dos mecanismos de aceitação e, principalmente, da vida que se desdobra naquele cenário: das dietas, dos suplementos alimentares, dos relógios Polar que são verdadeiras calculadoras ambulantes (calculam passos, batimentos cardíacos, calorias...), do peso, da porcentagem de gordura corporal, de massa gorda versus massa magra, do novo treino puxado indicado pelo instrutor, da dor que se manifesta no corpo após o treino, de novos equipamentos para cultivo do corpo... Mas fala-se, também, da satisfação em perceber o corpo sendo moldado, construído, admirado tanto pelos colegas de treino quanto pela sociedade envolvente (amigos, família e meros desconhecidos que lançam olhares aprovativos às mulheres quando cruzam com elas nos mais variados espaços.). Quanto mais a neófito adentra o templo, mais domina seus mistérios e pode tornar-se apta a socializar outros membros.

Alimentação, Remédios para emagrecer e Suplementos Alimentares

- 53 Outro elemento central citado pelas mulheres na construção ritual do corpo e da identidade de “malhadora” é a alimentação, que segundo elas, deve ser muito regrada. Elias (1990) e Rodrigues (1999) afirmam que na passagem da Idade Média para a Moderna temos uma mudança de sensibilidade quanto às questões alimentares e corporais, sendo que um dos indícios desta mudança refere-se à questão do controle. Se na Idade Média banquetear-se com alimentos calóricos era sinal de status e de alegria vitoriosa, na Moderna isto assume um caráter de culpa, já que a modernidade reforça as restrições frente ao corpo. Temos uma mudança na própria estrutura da personalidade, que pressionada por sanções sociais externas, desenvolve mecanismos de autocontrole mesmo quando o indivíduo encontra-se sozinho em casa: “Impulsos que prometem e tabus e proibições que negam prazeres, sentimentos socialmente gerados de vergonha e repugnância entram em luta no interior do indivíduo” (Elias: 1990: 189). As mulheres da Cia Atlética dizem exatamente isso. Controlam o que comem e o quanto malham porque sentem culpa quando comem demais ou deixam de fazer um exercício. Se o alimento, em especial o calórico, pode fornecer prazer, também suscita a culpa. E, se malhação produz endorfina e, portanto, prazer, também exige esforço e dor. Mesmo que ninguém esteja vendo, o policiamento é intenso; parte da própria pessoa e faz parte até dos momentos de lazer, como as férias. A pesquisa mostrou que 59% das entrevistadas já fez ou faz algum tipo de controle alimentar e o restante afirmou fazer “reeducação alimentar”:

Regime eu sempre fiz; depois que eu comecei a treinar, eu fiz dieta, pra ganhar massa, aumento de proteína, diminuição de carboidrato. Já fiz várias dietas da moda (...) se você quiser saber eu sei todas (Mulher 18, 23 anos, professora de educação física).

- 54 Dentre as entrevistadas, 79% declararam ter tomado algum tipo de “fórmula” ou remédios industrializados para emagrecer, como mostra o depoimento abaixo:

É, eu fiz regime há pouco tempo, agora. Tomei remédio porque eu trabalho de segunda a segunda e se eu diminuísse a parte nutricional eu não ia ter disposição para o trabalho, então eu tive que acelerar o processo com remédio. Tive os efeitos colaterais normais, os esperados, sabe, dilatação das pupilas, sudorese demasiada, minha mãos ficavam geladas, dava umas vertigens, escurece tudo (Mulher 5, 22 anos, professora de educação física)

- 55 Sempre me espanta que em nome da beleza, da perda de peso, aceitemos nos submeter aos efeitos colaterais dos remédios para emagrecer. Tememos um infarto, empenhamo-nos em fazer tudo que a medicina aconselha, fazer atividade aeróbica e diminuir a ingestão de gorduras. Mas, deliberadamente, por meio dos remédios para emagrecer, elevamos os batimentos cardíacos a ponto de termos insuficiência respiratória e mesmo infartos. A maioria deles contém anfetamina, que vicia em dias e é muito nociva para o organismo, gerando um desequilíbrio hormonal muito grande, bem como taquicardia e depressão. É sabido, também, que provocam danos ao cérebro e ocasionam distúrbios como anorexia e bulimia. Mas, em nome de alguns quilos a menos, aceitamos os riscos. É que, na verdade, a leitura é outra. Não se trata de meros quilos perdidos. Trata-se de "fazer as pazes com o espelho" e, portanto, consigo mesma. Trata-se de se sentir integrada e, portanto, aceita. Trata-se de ascender, via corpo, ao grupo das bonitas e bem sucedidas. Trata-se de viver numa cultura em que beleza e magreza se associam como pré-condições para a felicidade...
- 56 Entre as mulheres por mim entrevistadas, 10% sofrem de anorexia ou bulimia e 56% conhecem ao menos uma pessoa vítima destes distúrbios alimentares (ver artigo "O corpo miragem: mídia e espetáculo no processo de culto ao corpo", disponível em <http://www.mirelaberger.com.br>).
- 57 A ingestão de alimentos é feita de modo meticuloso, visando proporcionar nutrientes para que o músculo trabalhado se recupere, mas evitando qualquer alimento calórico que possa resultar em adiposidade e dificultar a visualização dos músculos. Aliás, músculos são quase entidades à parte, conforme expressão de uma das entrevistadas: "Quando como, penso assim: este pedacinho de carboidrato, com este de proteína vai fazer crescer meu músculo...". (Mulher 68, 34 anos, professora universitária). Ou seja, malha-se e come-se para os músculos e quanto mais estes afloram, mais são cultuados, seja através da constante exibição frente ao espelho, seja no uso de roupas minúsculas que favoreçam sua exposição. A procura pela atividade de musculação se dá menos por gosto e mais por necessidade. Todos os bodybuilders trocam receitas de suplementos alimentares e em algumas conversas em surdina lançam mão de termos incompreensíveis até alguns anos atrás, como anabolizante, proteína sintetizada, hormônio do crescimento, creatina, entre outros. É muito comum ver as mulheres com garrafinhas com líquido colorido, normalmente um suco acrescido de proteínas ou carboidratos que potencializam o trabalho muscular. Os homens, menos discretos, carregam potes imensos de produtos como MegaMass e vários outros, e fazem sua "poções mágicas" na lanchonete.
- 58 Há no templo uma poção mágica, misteriosa e velada: o anabolizante. Proibido por lei, considerado droga, é capaz de fazer com que os músculos cresçam rapidamente e de modo muito ostensivo, mas também pode levar, entre os homens, ao câncer de fígado e próstata, à impotência sexual, à agressividade, à cirrose hepática e até à morte. Acontece com o uso de anabolizantes a mesma coisa que ocorre com o preconceito racial: as pessoas dizem que existe racismo no Brasil, mas não são preconceituosas; da mesma forma, fala-se sobre anabolizantes, mas ninguém assume que os ministra, nem

os alunos que os tomam. Até porque - como o discurso da saúde e o da estética misturam-se -, não é interessante assumir que em função da estética seja possível tomar substâncias que minem a saúde e possam até matar. Além do mais, como vivemos o “culto ao esforço”, é fundamental que os músculos adquiridos sejam vistos como resultado do trabalho árduo e não do uso de substâncias ilegais. Ocorre com o uso de anabolizantes algo semelhante à cirurgia plástica para as mulheres: sempre alguém dirá que os tais músculos ou os seios grandes são de “mentira”, “foram comprados”, ou a pessoa optou “pelo caminho mais fácil”. Uma cintura fina conquistada com exercícios tem maior valor simbólico no grupo dos malhadores do que aquela conquistada com a retirada cirúrgica de algumas costelas. Do mesmo modo, músculos conquistados só com malhação e dieta são mais bem vistos do que aqueles obtidos com anabolizantes, fazendo-se de seu uso um tema cercado de tabus e que, muito lentamente, abre-se ao pesquisador.

- 59 No universo pesquisado, só uma das entrevistadas afirmou ter ciência da existência de anabolizantes na academia:

É, o anabolizante acaba com tudo, tanto a identidade como a personalidade da pessoa, muda muito, aquela coisa de comparação. Eu acho que não vale a pena, acho que cada pessoa tem o seu lado bonito, já pensou se fosse todo mundo igual? Seria um monte de boneca, né? Um monte de Barbie, um monte de Bob. Acho que isso teve uma influência muito grande, né, os bonecos mudaram a proporção, a proporção física dos bonecos mudou. Então, antes era o Bob, né, hoje em dia é aquele boneco enorme. Existe, muito. Existe, muitas academias... Hoje em dia tem muita fiscalização... Esconde muito..., isso e aquilo, mas...tem sim. (Mulher 61, 29 anos, instrutora de ginástica)

Figura 5 - Hormônios

- 60 Além dos anabolizantes, outra poção mágica advinda da técnica é o hormônio GH (sigla para “growth hormone”), produzido naturalmente no corpo humano pela hipófise

(glândula localizada na parte inferior do cérebro), mas que foi sintetizado pelos laboratórios de bioengenharia. Ele não é proibido; a partir de 1994 a substância foi liberada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária, mas a venda só poderia ser feita sob prescrição médica e retenção da receita, depois de constatada a deficiência do hormônio no organismo. Mas a substância tem sido contrabandeada dos E.U.A e não é barata: ampolas suficientes para um mês custavam R\$ 2.000,00 no ano de 2001, segundo dados da revista “Veja”.

- 61 Até mesmo os donos de academia e instrutores de ginástica injetam a substância e ela é comum antes do início dos campeonatos de fisiculturismo. Seu uso aumenta no verão, devido a maior exposição do corpo. Uma das entrevistadas, de 30 anos, observou:

“É o preço para ficar com um corpo legal. Ainda mais no verão, que todo mundo quer se exibir. Por causa do HGH, vou estar perfeita para passar o carnaval na praia. A mudança é nítida. Meu corpo está mais bonito. Todo mundo me pergunta o que eu estou tomando. Eu digo que é só malhação” (Mulher 70, 30 anos, artista plástica).

- 62 Este depoimento reforça a idéia já comentada de que é preciso ostentar um corpo perfeito, mas evitar atribuí-lo ao uso de recursos potencializadores como as drogas sintéticas. É preciso fazer acreditar que foi apenas o empenho do(a) malhador(a) que levou a este corpo tão cultuado e desejado. No entanto, com o HGH ocorre o mesmo que com quase todas as técnicas atuais de construção do corpo perfeito: a balança oscila entre “esconder” tais procedimentos (para fazer crer que o corpo foi conquistado só com o empenho) e “ostentá-los”. Assumir procedimentos como plásticas, aplicação de hormônios, sessões de estética etc atesta duas condutas importantes do culto ao corpo: indica status econômico (já que os tratamentos são caros e destinam-se, portanto, às classes abastadas), ostenta a adesão à ética corporal da perfeição física, pleiteando o status simbólico desta condição. Desta forma, comportamentos como injetar hormônio nas coxas, que poderiam ser considerados aberrantes há décadas, são hoje realizados às claras (vide figura 5). Assim, tanto quanto os remédios para emagrecer, suplementos alimentares ou hormônios, os anabolizantes vão servir ao mesmo tempo como potencializadores da performance muscular e como “ritos de passagem”, como mostra Sabino:

Entre os marombeiros há um rito de passagem, ou como prefere Bourdieu, um rito de instituição, no qual o uso da droga surge como um item crucial na transição do indivíduo de um status para outro no campo da musculação (...) Este rito delimita a distribuição da autoridade no interior do campo (Sabino, s/d: 16).

Cirurgias Plásticas

- 63 A maioria das mulheres entrevistadas tem uma relação dúbia com seu corpo: se, por um lado, estão satisfeitas com as melhorias e as atribuem à ginástica e ao esforço pessoal, por outro, não poupam recursos financeiros para alterar o que acham que deve ser corrigido. Segundo uma pesquisa recente (Revista Galileu, 2004), realizada entre modelos, 100% delas estavam insatisfeitas com seus corpos e realizariam correções cirúrgicas e 96% fariam lipoaspiração e implante de silicone nos seios. Se este descontentamento existe entre mulheres que são consideradas mais bonitas do que a média da população, imagine-se entre a parcela considerada comum. Uma de minhas entrevistadas, professora de ginástica, com 1,69 e 58 kg, 22 anos, tem o peso adequado à sua idade, sem nada que possa ser interpretado como defeito físico ou gerar algum tipo de constrangimento. Mas não vai à praia de biquíni:

“Ah, na praia eu não vou. De biquíni, jamais. Se eu tiver que ir, jogar um vôlei, eu já vou de propósito de calça, de top, ou vou de roupa normal, pra ter uma desculpa, ‘ah, eu vim só pra jogar’, eu já sou tímida, eu sou gordinha, então eu evito” (Mulher 5, 22 anos)

64 Del Priori (2000) afirma que

Anônimas, as que não são belas, simplesmente recusam seus corpos, tanto mais quanto vivemos hoje a supremacia da aparência. A fotografia, o filme, a televisão e os espelhos das academias dão à mulher moderna o conhecimento objetivo de sua própria imagem. Mas, também, a forma subjetiva que ela deve ter aos olhos de seus semelhantes. Numa sociedade de consumo, a estética aparece como o motor do bom desenvolvimento da existência (...) A feiúra é vivida como um drama. Daí a multiplicação de fábricas de ‘beleza’ cujo pior fruto é a clínica de cirurgia plástica milagrosa (Del Priori, 2000: 80).

65 A revista “Veja”, de 6 de março de 2002, intitulada “corpo à venda”, sobre os exageros da plástica, confirma o dado de 350.000 mil brasileiros operados em 2001, ou seja, em cada grupo de 100.000 habitantes, 207 foram operados, número superior ao de plásticas realizadas nos E.U.A, que no mesmo período registraram 185 cirurgias por 100.000 habitantes. Segundo a pesquisa, o mercado da plástica está em expansão: em sete anos, desde a edição do plano Real, o número de cirurgias plásticas realizadas no Brasil cresceu 250 % e a idade média dos operados brasileiros diminuiu 20 anos: se nos anos 80, a média de idade para uma cirurgia plástica era de 55 anos, em 2000 passou para 35 anos. Dentre as minhas entrevistadas, a porcentagem de mulheres que já fizeram algum tipo de cirurgia estética foi de 43%, sendo que as mais citadas foram redução de nariz, lipoaspiração e prótese de silicone nos seios. Entretanto, quando questionadas se pretendem se submeter a cirurgias no futuro, a porcentagem de mulheres adeptas da plástica sobe vertiginosamente, passando para 72%. Quando indagadas a respeito, disseram:

Eu já mudei o meu nariz, eu dei uma afinada porque eu tinha desvio de septo. Eu pus prótese de silicone no peito. Se precisar, faço outras. Depois que eu tiver um filho, se precisar, acho que nada me impede, pra gente melhorar, hoje existe tanta técnica, o importante é a gente estar bem com a auto-estima, isto é fundamental. (Mulher 43, 39 anos, arquivista).

Coloquei prótese nos seios. Só. Me incomodava bastante. Mudou minha auto-estima, porque eu não tinha né [seio] Eu amamenteei as minhas filhas até quase um ano, eu já tinha pouco, aí amamentando eu fiquei com nada, e aquilo me incomodava bastante, eu não podia usar top sem enchimento, então pra mim era muito desagradável, na praia, eu usava, mas não gostava (...) Eu tô super satisfeita, eu sou outra pessoa (Mulher 1, 30 anos, economista)

66 Ser outra pessoa. Esta fala é emblemática. Primeiro porque, de fato, com a plástica a identidade se modifica, já que ela está calcada no corpo. Segundo, porque, atrelado à plástica, temos um comportamento curioso de desinibição por parte das mulheres. Como elas estão mais seguras da beleza de seu corpo, sentem-se mais à vontade para expô-lo. É uma cena comum no vestiário feminino mostrar os seios operados umas para as outras. Durante a pesquisa, presenciei duas cenas de desinibição e total felicidade com o novo corpo. A entrevistada citada acima, Mulher 1, falou de sua plástica de seios, do quanto estava contente. Encerrada a entrevista, referindo-se à prótese, ao questionar se a cicatriz não a incomodava, ela chegou a puxar o top para mostrar os seios, apesar de estarmos num restaurante. Karen, dona de uma clínica de estética, com implante de silicone, além de mostrar os seios, exigiu que os tocasse para sentir sua rigidez. Nenhuma das mulheres afirmou ter problemas quanto às cicatrizes,

dizendo não serem importantes diante da satisfação com as novas formas. As mulheres tendem a minimizar as cicatrizes frente ao apelo de formas mais definidas, seios mais firmes ou diminuição da adiposidade. A existência de gordura localizada e de seios flácidos e/ou pequenos incomoda muito mais do que estrias e cicatrizes. Se fosse possível, as mulheres ficariam também sem as segundas, mas não sendo, optam pela remodelagem do corpo, ainda que adquiram cicatrizes.

67 As mulheres apóiam a plástica se esta trouxer satisfação pessoal, se contribuir para elevar a auto-estima, mas é interessante notar que, embora a cirurgia plástica estética surja como um recurso aceitável, no segmento das bodybuilders só é bem aceita quando se esgotaram todas as outras possibilidades (exercícios, dietas, ou seja, já se empenharam o bastante, mas não conseguiram se livrar de uma ou outra gordura localizada, especialmente as da cintura.

68 Neste contexto, a cirurgia plástica estética é um plus, uma espécie de prêmio que a mulher se dá na conquista do corpo perfeito:

Eu sempre malhei a sério, cuidei da alimentação e melhorarei muito o meu corpo, mas os seios não tinham jeito, por mais que eu me empenhasse... Achei que eu merecia me dar este presente; eu fiz e ainda faço a minha parte. (Mulher 68, 34 anos, professora universitária.)

69 Outra entrevistada reforça a idéia, mas afirmando não ser merecedora da plástica:

Eu nunca fiz, porque que eu nunca fiz o certo. Porque primeiro eu tenho que fazer a minha parte. Eu nunca falei, “ah, eu vou melhorar minha dieta, eu vou treinar regularmente”; eu nunca tive disciplina... (Mulher 34, 33 anos, psicóloga).

70 Neste caso, ela não se julga digna da plástica porque está embebida da idéia de que precisa primeiro se esforçar com ginástica e alimentação, para depois fazer jus a este tipo de intervenção.

71 Um relato que merece destaque, vindo de mulheres que fazem fortes críticas ao culto ao corpo, mas que se sentem tentadas e aderem às práticas que de início condenam:

Faria, eu não tenho pressa, nos seios, mas tenho quase 50 anos, não sei se quando eu tiver 60, se eu estiver muito abatida, acho que o bombardeio da mídia interfere, você olha no espelho e se compara, a européia tem uma facilidade maior pra envelhecer saudável, do que as brasileiras, que querem estar com o rosto muito esticado, né, acaba pegando né? (Mulher 23, 48 anos, veterinária).

72 A maioria das mulheres apóia a plástica quando a mulher já teve vários filhos e “necessita” levantar os seios caídos com a amamentação. Ou se a pessoa tiver seios desproporcionais ao corpo, ou uma barriga excessiva. Aí a plástica é justificável. Mas a plástica é condenada se for para mudar detalhes ou, talvez, adequar o tamanho dos seios às exigências da moda. É condenada também quando se transforma em um vício, quando a mulher faz uma em seguida à outra e nunca se contenta e neste caso as entrevistadas tendem a afirmar que a mulher em questão está com “problemas psicológicos”. Também se comentou que a decisão de operar deve ser sempre da própria mulher, que ela não deve se submeter à plástica nem para agradar o marido e nem deixar de fazê-la só porque ele não quer. Neste ponto, a independência financeira feminina conta muito: se a mulher trabalha ou possui alguma fonte de renda, pode investir em si mesma através da plástica sem recorrer ao aval financeiro do marido. Caso contrário, ela tem que convencê-lo a concordar e pagar a cirurgia. Algumas mulheres observaram também que por terem suas cirurgias pagas pelos maridos, isto aumentou a cobrança deles para que elas mantenham o corpo em forma. Relembro de uma fala muito significativa de uma entrevistada que, após voltar de um longo período

de afastamento para realização de várias plásticas, disse estar triste, pois o marido a proibira de comer feijão e havia lhe dado um ultimato (“você vai ter que se esforçar mais na ginástica”), pois não pagaria outra plástica.

- 73 Há alguns denominadores comuns nos depoimentos colhidos.
- 74 Primeiro: o motivo principal alegado para fazer plástica é a auto-estima. Na religião do corpo, “sentir-se bem consigo mesma” justifica e até pede intervenções cirúrgicas.
- 75 Segundo: como a auto-estima está diretamente ligada ao corpo, a perfeição física aparece como um pré-requisito para o bem-estar e justifica as intervenções cirúrgicas. Para amar-se é necessário ter um corpo perfeito (para 82% da amostra, a aparência física foi considerada “muito importante”).
- 76 Terceiro: dentre as cirurgias realizadas e/ou almejadas, as campeãs absolutas são lipoaspiração (ou lipoescultura) e implante de silicone nos seios (84% das minhas entrevistadas aprovam seu uso). Isto se explica porque o modelo estético dominante em nossa época é caracterizado pela ausência de gorduras, por seios grandes e firmes e tônus muscular. Como o tônus muscular não se consegue com cirurgias plásticas, a ênfase recai sobre os dois primeiros itens. Outra cirurgia que vem sendo cada vez mais realizada no Brasil é a prótese de silicone nos glúteos, que visa arredondá-los e levantá-los, mas que só foi citada por uma entrevistada - “Glúteo, mais glúteo. Peito nem tanto. Eu não gosto, a forma dele, é muito esparramado, não é um glúteo... É um glúteo disforme” (Mulher 10, 26 anos, orientadora de educação física) - embora existam suspeitas de que uma segunda entrevistada a tenha realizado, sem contudo assumir.
- 77 A plástica tornou-se aceita publicamente nos EUA no século XX. De sua origem como cirurgia reconstrutora em soldados feridos na guerra, ela acabou encontrando sua maior fonte de pacientes em mulheres que queriam melhorar a aparência. Isto se deve a dois motivos principais: 1) a crença de um vínculo fundamental entre auto-estima e aparência física; 2) a crença de que a aparência tem valor de mercado. Tais motivos, aliados às idéias (pós 1950) de que as mulheres são responsáveis por sua beleza e que esta se encontra ao alcance de todas, reabilitaram de vez a cirurgia plástica estética como recurso aceitável (Haiken, 1997). E, curiosamente, não só a habilita enquanto procedimento, mas também como prática que não precisa ser escondida. As entrevistadas assumem suas plásticas, falam sobre elas, avisam as colegas e os professores sobre o tempo em que ficarão afastadas e não dissimulam. Não se vêem tentativas de despistar a ausência da academia alegando férias ou outros compromissos; as mulheres falam abertamente: “semana que vem vou fazer lipo” ou “vou colocar peito”. Isto com muita naturalidade. E se algum interlocutor insinuar, por exemplo, que os seios “não são delas, são de mentira, são artificiais”, elas retrucam das mais variadas formas “são meus, sim; eu paguei por eles”, “são meus, mas melhorados”, “a cor do seu cabelo também não é natural”, e por aí vai. Em algumas “tribos” da academia, ter passado por cirurgia plástica é mais natural do que não ter se submetido a nenhuma; ali, o que “choca” é mais a ausência do silicone do que sua presença. Embora a discussão sobre a relação natural versus artificial seja muito complexa e fuja aos objetivos deste trabalho, é pertinente pensar que nos anos de 1920 vigorava a idéia de que a mulher não precisava necessariamente “ser” bela, mas “fingir” ser. Nos séculos anteriores, esta dissimulação era ainda mais possível com as roupas longas, com os espartilhos e anquinhos – só o marido saberia o quanto esta mulher era ou não “verdadeira”. No século XX, com a progressiva diminuição das roupas e o maior desvelamento do corpo, dissimular torna-se impossível e o próprio corpo assume o

lugar das roupas: ele deve ser firme, torneado, magro. Qualquer detalhe anatômico é perceptível e se faz necessário corrigi-lo por meio da ginástica e das cirurgias plásticas.

- 78 O cirurgião plástico configura-se como um demiurgo, pois se coloca como criador e organizador do universo representado pelo corpo e é capaz, por meio de seus encantamentos, de reconstruir o eu e de facilitar o ingresso da mulher no templo da perfeição física.
- 79 Edmonds (2002) assinala que a plástica é tão importante na vida do brasileiro que em 1999 a escola de samba carioca Caprichosos de Pilares levou para a avenida o sambanredo “No universo da beleza, mestre Pitanguy”. O autor comenta que o samba, além de fazer supor que a cirurgia plástica nas mãos de Pitanguy seria uma prática democrática, oferecendo beleza a ricos e pobres, também colocava a plástica como um misto de procedimento médico de alta tecnologia, serviço de luxo ao consumidor e transformação psicológica, esta última, enfatizada pelo próprio cirurgião:
- O objetivo da cirurgia plástica é a harmonização do corpo com o espírito (...) visando a estabelecer um equilíbrio interno que permita ao paciente reencontrar-se, reestruturar-se, para que se sinta em harmonia com a sua própria imagem e com o universo que o cerca (Pitanguy, Revista Brasileira de Cirurgia, março/abril, 1985, vol. 75, n 2, apud Edmonds, 2002: 215).
- 80 Um último ponto importante é que em sua análise sobre as cirurgias plásticas no Rio de Janeiro, Edmond cita a observação de Gilman (1999), registrada no livro *Making the Body Beautiful*, em que este autor defende uma interpretação da cirurgia plástica como meio de “passing” ou “impostura”, isto é, um meio de pessoas estigmatizadas se fazerem passar por normais (ser aceito como o que não é) por meio das plásticas. Para ele, todas as plásticas teriam este caráter de impostura. É importante notar que Edmonds critica o conceito de impostura e o faz por dois motivos: 1) porque ele evoca o conceito de normalidade, enquanto para muitas das mulheres que fazem plástica o desejo é de perfeição; 2) porque ele insinua que a paciente está tentando, passivamente, amoldar-se a um grupo ou juntar-se a ele, enquanto muitas mulheres afirmam que fizeram a plástica por si mesmas, não se submetendo às pressões sociais.
- 81 Concordo plenamente com Edmond e comprovei com minhas pesquisas que, de fato, as mulheres, quando se submetem à plástica querem sobressair por suas formas, serem mais admiradas por elas, e não apenas estar “na média”. Elas ambicionam um plus, que só a plástica pode proporcionar. É justamente este “algo a mais” que a torna vital na construção da auto-estima e da identidade feminina. Já com relação ao segundo ponto assinalado por Edmonds – fazer plástica para si mesma e não para o outro – coloco ressalvas, pois acredito que a questão é mais complicada. A resposta dada à plástica é semelhante à resposta dada à pergunta “para quem você malha”? A primeira resposta é “para si mesma” (46%), ou seja, totalmente relacionada com auto-estima. Mas o que eu sou, sempre remete ao modo como o outro me vê; então, é sempre para os outros também, tanto que quanto questionadas “para quem as mulheres malham”, 52% afirmaram “para as outras mulheres” e somente 15% afirmaram “para si mesmas”.
- 82 As falas das mulheres entrevistadas também apontam que as cirurgias plásticas – bem como outros aspectos do culto ao corpo – podem ser perigosas por estarem tão banalizadas que acabam gerando o efeito contrário: em vez da mulher ficar mais bonita e se destacar das demais, ela fica feia e padronizada. Ou, como colocou Mulher 56:
- Tem gente fazendo plástica como quem arranca um dente, não é assim, as pessoas não estão procurando um profissional, vão atrás de qualquer um, é lógico que nem todo mundo tem poder aquisitivo pra fazer tudo isso e assim vai. Coisa com o rosto

também, tem uma série de senhoras da minha idade, eu vou fazer 58 este ano, as sessentonas estão todas com a cara igual, uma cara de barbies, o botox, aquela boca, são todas muito semelhantes, loironas, eu olho e digo 'Nossa, você tá ridícula'.
(Mulher 56, 57 anos, professora)

- 83 É a beleza obtida a qualquer custo, a beleza que, em vez de libertar a capacidade expressiva, escraviza, como um feitiço que se vira contra o feiticeiro. Tal crítica nos leva ao cerne das discussões que empreendo sobre o culto ao corpo na atualidade. Acredito que o corpo seja realmente central na construção do eu em nossa cultura. Acredito também que, ao se voltar para os cuidados consigo mesma a mulher seja capaz de se valorizar, elevar sua auto-estima. Ao adquirir um corpo que lhe dá prazer e orgulho, ela faz deste um reduto que deve ser valorizado, cuidado. E isto pode ser positivo, já que o corpo é nossa primeira e última morada, pelo corpo experimentamos quem somos e nos relacionamos com o mundo. Mas quando o corpo é cultuado ao extremo, parte da positividade se dissolve e o mesmo corpo que pode nos trazer conquistas e alegrias, também passa a ser fator de frustração diante dos rígidos padrões estéticos e, ademais, lugar de homogeneização e padronização das diferenças. Em vez de nos libertar, nos oprime. Em vez de nos integrar, isola, a nós mesmos e aos outros, os que não se encaixam nestes padrões. Em vez de levar à saúde e à identidade, pode levar a doenças, em especial aos distúrbios alimentares, que fragmentam o eu e até matam.
- 84 Weber já chamava nossa atenção para a racionalidade como uma das características da modernidade, mas também afirmava que o destino de uma sociedade extremamente racionalizada em termos técnicos, mas sem destinação social humana, é a gaiola de ferro – o aprisionamento, a falta de opção individual, a perda do sentido.
- 85 Em parte, Kélh parece ter razão ao afirmar que o corpo malhado, sarado e siliconado do novo milênio diz: sou um corpo malhado, sarado, siliconado. O circuito se fecha em si mesmo. Parece a ética dos 'cuidados de si', pesquisada por Foucault. Mas não é. No Brasil de hoje, em que o espaço público foi a um só tempo desmantelado e ocupado pela televisão, a produção dos corpos é a produção da visibilidade vazia, da imagem que tenta apagar a um só tempo o sujeito do desejo e o sujeito da ação política. A cultura do corpo não é a cultura da saúde, como quer parecer. É a produção de um sistema fechado, tóxico, claustrofóbico. Nesse caldo de cultura insalubre, desenvolvem-se os sintomas sociais da drogatização, da violência, da depressão. Sinais claros de que a vida, fechada diante do espelho, fica perigosamente vazia de sentido (Kélh, 2002: 18).
- 86 Além do mais, ao mesmo tempo em que o corpo malhado integra, ele também exclui, primeiro nós mesmos se não alcançarmos o padrão; depois, se o alcançamos, exclui os outros: feios, gordos, não-malhados, ou numa expressão: "os que não são como nós". Aqueles que se recusam a ingressar na cultura do corpo são mal vistos, são relaxados, fracos, acomodados. Atestam fraqueza moral e física e, por rejeitarem as idéias dominantes, acabam sendo excluídos, marginalizados.
- 87 De tanto nos contemplarmos, seja através da mídia, seja pelo espelho, acabamos quase que enfeitiçados, ou nas palavras de Debord, hipnotizados pela imagem e miragem do próprio espetáculo que nós mesmos criamos: "Quando o mundo real se transforma em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico (...)" (Debord, 1992: 24).
- 88 Como um veneno que nos contamina pelos olhos sem que o notemos, a religião do corpo perfeito infiltra-se em nós e, ao mesmo tempo, nos seduz e provoca: as chaves que abrem as portas do templo são as mesmas que nos fecham dentro dele.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na idade Média e no renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1987.
- BERGER, Mirela. "O corpo miragem: mídia e espetáculo no processo de culto ao corpo", disponível em <http://www.mirelaberger.com.br>
- BERGER, Mirela. Corpo e identidade feminina, Tese de doutorado. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, PPGAS/USP, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. A Distinção. São Paulo: Difel, 1996.
- COURTINE, Jean Jacques. "Os staknovistas do narcisismo: body-buildinng e puritanismo osstentatório na cultura americana do corpo", in: Políticas do Corpo, org. Denise Bernuzzi de Sant'Ana. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- DEBORD, Guy. A Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1992.
- DEL PRIORE, Mary. Corpo-a-corpo com a Mulher: Pequena História das Transformações do Corpo no Brasil, São Paulo. São Paulo: SENAC, 2000.
- EDMONDS, Alexander. "Notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro", in: Mírian Goldenberg et al. Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca, Rio de Janeiro: Record, 2002.
- ELIAS, Nobert. O Processo Civilizador. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- FEATHERSTONE, M. Cultura de Consumo e Pós-Modernismo. São Paulo: Nobel, 1995.
- FEATHERSTONE, M. et alii. The Body: Social Process and Cultural Theory. London: Sage, 1992.
- FUSSEL, San. Muscle: The Confession of an Unlikely Body-Builders. New York: Poseiddon Press, 1991.
- GOLDENBERG, Mirian e RAMOS, Marcelo Silva. "A civilização das formas: O corpo como valor", in: Mírian Goldenberg et al. Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca, Rio de Janeiro: Record, 2002.
- HAIKEN, Elizabeth. Venus Envy: A History of Cosmetic Surgery. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1997.
- KÉLH, Maria Rita. "Com que corpo eu vou?", Folha de São Paulo, Mais!, São Paulo, 30/06/2202.
- LAURETIS, Teresa de. "A tecnologia do gênero", in: Holanda, Heloísa Buarque de. (Org.) Influências e Impasses: O feminismo como Crítica da Cultura. RJ: Rocco, 1994
- LÉVI-STRAUSS, Claude. "A eficácia simbólica" e "O Feiticeiro e sua magia", in: Antropologia Estrutural Um. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.
- MAFFESOLI, Michel. "Deixar de odiar o presente", in: Ética e Estética na Antropologia. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC/CNPq, 1998.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor - "Tribos Urbanas: Metáfora ou categoria", in: Cadernos de Campo, São Paulo, no 2, 1992.
- MAUSS, Marcel. "Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa e a noção do eu." E "As técnicas corporais", in: Sociologia e Antropologia, vol. 1. São Paulo: EPU, 1974.

ROCHA, Everaldo. *Magia e Capitalismo: Um Estudo Antropológico da Publicidade*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

RODRIGUES, José Carlos. *O Corpo na História*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

RODRIGUES, José Carlos. *O Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

SABINO, César. "Anabolizantes: drogas de Apolo", Mírian Goldenberg et al. *Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*, Rio de Janeiro: Record, 2002.

SABINO, César. *As Drogas de Apolo: O Consumo de Anabolizantes em Academias de Musculação*. Rio de Janeiro: Lugar Primeiro, sem data.

SAFFIOTI, H.I.B. "Rearticulando Gênero e Classe Social". In: Costa, A. de O. & Bruschini, C. (org.). *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, / São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

SAFFIOTI, H.I.B. *A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade*. São Paulo: Quatro Artes, 1969.

SAFFIOTI, H.I.B. *O Poder do Macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

NOTAS

1. O lócus da tese foi a academia de ginástica Companhia Atlética, unidade Shopping Morumbi. Trata-se de uma academia voltada para um público-alvo abastado e situa-se no segundo andar do Shopping Morumbi, podendo ser vista pelas pessoas que lá ingressam por uma das entradas. A academia atrai muito a atenção do público, pois tem piscinas com teto solar e amplas vidraças, pista de corrida suspensa na cobertura do shopping e salas de salas de musculação com paredes de vidro, que permitem aos freqüentadores do shopping plena visualização. O chão da academia é, em toda sua extensão, de granito e as estruturas, feitas de ferro com revestimento de vidro. Possui recepção, várias salas de ginástica, loja de roupas, restaurante de grife ("Paola Panini"), espaço para musculação, *spinning*, uma grande área para atividades aeróbias com dezenas de aparelhos, dois vestiários femininos e dois masculinos, aluguel de toalhas, saguão com televisão, espaço para as mães deixarem os bebês brincando (desde que acompanhados pelas babás), área das piscinas, sauna seca, espaço de estética, "Biotherme", solarium, nutricionista e fisioterapeuta.
2. Trata-se dos termos genéricos utilizados em academias de ginástica e musculação para designar aqueles que, por meio de exercícios, pesos e aparelhos, procuram "construir" seu corpo, deixando-o magro, definido, musculoso e rígido.
3. A amostra foi composta de 88 mulheres de classe-média-alta, freqüentadoras da academia de ginástica Cia Atlética.
4. As expressões "tribo" ou "tribo urbana" são categorias nativas, ou seja, utilizadas pelas próprias mulheres para se auto-identificarem e identificar outras mulheres (ou mesmo homens) que freqüentam os ambientes de academia de ginástica, das clínicas de estética, bem como aquelas que partilham a cultura da perfeição física. Assim, apesar das polêmicas que a expressão suscita (a este respeito ver Magnani, 1992), optamos por mantê-la, mas sempre considerando que ela só tem pertinência por emanar do próprio grupo pesquisado.
5. Courtine (1995), no magistral artigo "Os Staknovistas do Narcisismo: body-buildinng e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo" mostra como nos E.U.A, entre 1870-1880, a cultura física e o esporte tornaram-se verdadeiras paixões, a ponto de numerosas academias de ginástica se espalharem por todo território americano e ser criada uma seita religiosa denominada "Cristandade Muscular", cujo credo era: a moralidade é tanto uma questão

de forma muscular quanto de piedade religiosa, e os melhores cristãos têm o dever de possuir um corpo atlético. Sustentava-se inclusive que Jesus Cristo fora, antes de tudo, um homem de ação, um atleta espiritual, sua vida testemunhava seu entusiasmo pelas alegrias e esforços deste baixo mundo, e seu calvário não fora mais do que uma corrida de obstáculos, conduzindo-o ao primeiro lugar no pódio.

6. A este respeito, Lauretis (1994) comenta que há diversas teóricas feministas escrevendo sobre a sexualização das mulheres no cinema e nas propagandas, desenvolvendo descrições e críticas dos discursos psicossocial, estético e filosófico subjacentes à representação do corpo feminino enquanto lugar primeiro da sexualidade e do prazer visual. Ela indica para uma melhor compreensão do tema o trabalho de Stephen Heath, "Narrative Space", in: Questions of cinema, Bloomington, Indiana Univ. Press, 1981.

7. Segundo Saffioti, só podemos compreender as relações de gênero enquanto um processo dialético. A autora assinala que a mulher na sociedade de classes capitalista oscila entre aderir aos papéis construídos (e ao status associado ao segundo - que Saffioti chamou de "status reflexo do marido") de "mulher economicamente ativa" ou como "mãe de família [ou 'dona-de-casa] 'ociosa' (do ponto de vista do sistema dominante de bens e serviços), que goza do status reflexo do marido". É preciso, no entanto, em virtude da peculiaridade da amostra, dar um novo sentido à expressão "mãe de família [ou dona-de-casa]". As mulheres da amostra pertencem à classe média-alta ou alta e não assumem exatamente as funções do lar, como lavar e passar roupa, fazer a faxina da casa e cozinhar. Elas atuam mais como governantas de suas próprias casas, contando com um séquito de empregadas domésticas, passadeiras, cozinheiras e babás. Mais do que realizar os trabalhos, os supervisionam, verificando sua eficácia no andamento do lar. Quando assumem alguma função delegada às empregadas, como cozinhar ou organizar itens e aspectos da casa, o fazem menos por necessidade do que por demandas do gênero. Espera-se delas que continuem zelando pelo lar, pelo marido e filhos, atestando assim sua capacidade de manter o funcionamento do lar. Mas numa época em que vigoram as tiranias da aparência, ser "apenas" boa mãe e esposa não basta, cabendo às mulheres se adequarem aos padrões estéticos estabelecidos. Assim, parte do prestígio social da mulher advém de sua aparência e, parecido com o que Saffioti afirmou mas invertendo os termos, os homens também se beneficiam da imagem física de suas esposas ou companheiras, configurando uma atitude de status reflexa: o embelezamento das mesmas confere prestígio ao homem, pois ao circular com elas nos meios sociais que cobram beleza, eles se afirmam como viris (conquistaram e mantiveram mulheres bonitas), bem sucedidos (capazes de manter economicamente a casa e ainda permitem que a mulher possa "se cuidar" - e "se cuidar" será interpretado pelas mulheres como "estar bonita").

8. Elias mostra como o corpo hiperbólico da época medieval vai sendo substituído na modernidade por imagens de corpos mais verticalizados, silenciosos e contidos e, necessariamente, aumenta o controle sobre a alimentação, sobretudo pelos excessos alimentares e também sobre os alimentos aceitos e condenáveis, dentre os últimos, a gordura, considerada vilã. As pessoas passam a se controlar mais e cresce o grau de consideração esperado dos demais. Aumenta a compulsão em policiar o próprio comportamento. Ele analisa a mudança do conceito de *courtoise* para o de *civilité*, que aparece na obra de Erasmo de Rotterdam, em 1530, *De civilitate morum pueriliun* (da civilidade em crianças).. Trata-se de um manual de etiqueta pra orientar o comportamento e o decoro corporais de pessoas em sociedade, e embora seja dedicado a um menino nobre, alcançou boa parte da sociedade européia, como a França, Inglaterra, Portugal, Alemanha, Itália, entre outras. Embora as regras de etiqueta já estivessem presentes entre os medievais, na forma de poemas mnemônicos ou mesmo manuais, no tratado de Rotterdam e em outros que se seguiram ocorre uma mudança no tom e no rigor das prescrições.

AUTOR

MIRELA BERGER

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mirela Berger é formada em Ciências Sociais e doutora em Antropologia Social pelo PPGAS/USP. Atualmente, leciona em caráter temporário na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). É coordenadora do GEISA (Grupo de Estudos em Imagem e Som em Antropologia) e participa de outros grupos de estudo na Universidade